



PETER
FRANKOPAN

A PRIMEIRA
CRUZADA

Um chamado
para o Oriente

CRÍTICA

PETER
FRANKOPAN

A PRIMEIRA CRUZADA

Um chamado
para o Oriente

Tradução

Renato Marques

Copyright © Peter Frankopan, 2012
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Copyright da tradução © Renato Marques
Todos os direitos reservados.
Título original: *The First Crusade*

Coordenação: *Sandra Espiloto*
Preparação: *Tiago Ferro*
Revisão: *Ana Cecília Agua de Melo e Carmen Costa*
Diagramação: *A2*
Capa: *Penguin Random House UK*
Adaptação de capa: *Fabio Oliveira*
Imagem de capa: *AKG Images/De Agostini Picture Lib./A. de Gregorio*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Frankopan, Peter
A primeira cruzada / Peter Frankopan; tradução de Renato Marques. - São Paulo:
Planeta do Brasil, 2022.
320 p.: il.
Bibliografia
ISBN 978-65-5535-848-3
Título original: *The First Crusade*
1. Cruzadas - Primeira, 1096-1099 2. História I. Título II. Marques, Renato
22-5138 CDD 940.18

Índice para catálogo sistemático:
1. Cruzadas - Primeira, 1096-1099



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

SUMÁRIO

MAPAS	11
PREFÁCIO E AGRADECIMENTOS	17
NOTA DO AUTOR.....	21
INTRODUÇÃO	23
1. EUROPA EM CRISE	35
2. A RETOMADA DE CONSTANTINOPLA	49
3. ESTABILIDADE NO LESTE	67
4. O COLAPSO DA ÁSIA MENOR	85
5. À BEIRA DO DESASTRE	101
6. O CHAMADO DO ORIENTE	119
7. A RESPOSTA DO OCIDENTE.....	135
8. RUMO À CIDADE IMPERIAL	153
9. PRIMEIROS CONFRONTOS COM O INIMIGO.....	175
10. A BATALHA PELA ALMA DA CRUZADA	197
11. A CRUZADA EM FRANGALHOS	215
12. AS CONSEQUÊNCIAS DA PRIMEIRA CRUZADA	229

ABREVIACOES	253
LEITURAS COMPLEMENTARES – PARA SABER MAIS.	255
NOTAS	267
ÍNDICE REMISSIVO	309

CRÍTICA

EUROPA EM CRISE

A Primeira Cruzada definiu a Idade Média. Estabeleceu uma identidade comum para os cavaleiros de todas as camadas da nobreza da Europa, firmemente atrelados à fé cristã. Influenciou o comportamento: a devoção e o serviço ao ideal cristão passaram a ser vistos como qualidades extremamente valorizadas, exaltadas em verso, prosa, canção e arte. Idealizou o conceito do cavaleiro devoto, que luta em nome de Deus. Estabeleceu o papa como líder não apenas espiritual, mas de importância política. Forneceu um propósito comum aos princípios ocidentais, ao criar um quadro em que a defesa da Igreja não era apenas desejável, mas uma obrigação. A partir da Primeira Cruzada ganharam corpo as ideias e estruturas que moldaram a Europa até a Reforma.

Ironicamente, a Cruzada foi ela mesma produto de discórdia e desunião, pois na segunda metade do século XI a Europa encontrava-se dilacerada por turbulências e crises. Foi um período de conquistas e tumultos em todo o continente. Sob ocupação normanda, a Inglaterra mal conseguia resistir aos persistentes ataques da Escandinávia. Apúlia, Calábria e Sicília também estavam no processo de transformação por meio da presença de imigrantes da Normandia — primeiro mercenários, depois oportunistas —, atraídos para o sul em busca de polpudas recompensas financeiras. A Espanha vivia uma fase de transição, seus ocupantes muçulmanos sendo expulsos de vilarejo em vilarejo após mais de três séculos de dominação da península. A Alemanha também convulsionava, com a constante eclosão de revoltas de grande envergadura contra a Coroa. O Império Bizantino, entretanto, vivia sob pressão crônica, suas

fronteiras norte, leste e oeste eram ameaçadas, atacadas e invadidas por vizinhos cada vez mais agressivos.

O século XI foi também um tempo de violenta disputa entre o papado e os principais barões da Europa. Monarcas eram excomungados, e depois, vez por outra, reabilitados apenas para em seguida serem novamente condenados com o anátema. Quase todas as figuras monárquicas decisivas do período — o imperador Henrique IV do Sacro Império Romano-Germânico, o rei Filipe I da França, o rei Haroldo I da Inglaterra, o imperador bizantino Aleixo I Comneno e o duque normando Roberto de Altavilla, o Guiscardo — foram excomungadas ao menos uma vez pelo papado, por tentarem afirmar sua autoridade sobre o mundo secular.

As divisões eram tão grandes, mesmo no seio da Igreja, que no final do século XI havia dois papas rivais, cada um afirmando ser o legítimo herdeiro do trono de São Pedro, cada um contando com o apoio de cleros rivais que por sua vez declaravam ser o corpo eleitoral legítimo. E havia ainda a Igreja Bizantina, em acentuado desacordo com as práticas e ensinamentos padrão no Ocidente e em estado de cisma com o papado. No entanto, envolveu toda a Europa nesse período uma controvérsia mais venenosa e persistente, que ameaçou a viabilidade da Igreja como um todo: um desentendimento de grandes proporções devastou as relações entre o papa Gregório VII e o homem mais poderoso da Europa: Henrique IV. Os antecessores de Henrique haviam controlado o Norte da Itália e se proclamado imperadores de Roma nos anos 960; como resultado, mantinham o papado sob estrito escrutínio, preservando o direito de se envolver nas eleições papais. As relações entre Gregório VII e Henrique IV tiveram um início bastante promissor após a nomeação de Gregório como papa em abril de 1073; ele era um “homem religioso, bem versado em ambos os ramos [sagrado e secular] do conhecimento, eminente amante da equidade e da justiça, forte nas adversidades... honrado, modesto, sóbrio, casto, hospitaleiro”.¹ Após sua aclamação, o papa se animou com as mensagens enviadas pelo imperador. Henrique, ele escreveu a um apoiador, “nos enviou palavras repletas de contentamento e obediência, como nenhuma outra que nem ele e tampouco seus predecessores jamais dedicaram a pontífices romanos”.²

Não demorou muito, porém, para que as relações se degenerassem. Mesmo antes de se tornar papa, Gregório fora um homem pragmático, com opiniões fortes sobre a reforma da Igreja e a centralização mais eficaz

do poder de Roma. Uma de suas preocupações específicas era a questão das nomeações aos cargos mais elevados na Igreja, as investiduras, muitas das quais eram vendidas, o que equivalia a algo pouco melhor que corrupção organizada. Algumas posições de alto escalão na Igreja rendiam alianças lucrativas, bem como influência e autoridade seculares, o que fazia delas uma sinecura bastante desejável — recompensas úteis a serem distribuídas por governantes poderosos.³

As tentativas de Gregório de instituir reformas, proibindo a venda de posições religiosas e afirmando que apenas ele detinha o direito de fazer nomeações de bispos e abades, colocaram o pontífice em rota de colisão com Henrique, que se ressentia profundamente da interferência do papa nos assuntos da Igreja germânica. Em 1076, as relações chegaram a tal ponto de ruptura que o papa excomungou Henrique, declarando que “em nome de Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, e por seu poder e autoridade, nego ao rei Henrique, filho do imperador Henrique, que com vaidade inaudita se levantou contra sua Igreja, o governo de todo o reino dos alemães e da Itália, e absolvo todos os cristãos do vínculo de qualquer juramento que tenham feito ou devam fazer a ele, e proíbo que alguém o sirva como rei”.⁴

Como era de se esperar, as tensões se elevaram; partidários de Henrique declararam que o papa era um criminoso, e bispos leais ao soberano alemão aprovaram uma sentença de excomunhão do próprio pontífice.⁵ Embora ambos os homens tenham se reconciliado por um breve período na década de 1070, o relacionamento ruiu de uma vez por todas depois que o papa foi persuadido a apoiar os poderosos inimigos de Henrique na Alemanha, que buscavam derrubar o imperador. Depois que Gregório endossou as afirmações de um desses rivais ao trono, enaltecendo sua humildade, obediência e amor à verdade, em contraste com o orgulho, a desobediência e a falsidade de Henrique, o imperador tomou medidas drásticas.⁶

Bispos da Alemanha e do Norte da Itália foram convocados a um concílio da Igreja em Brixen, em junho de 1080. Lá se propôs que Gregório deveria ser expulso de Roma à força e substituído por um papa “ortodoxo”. Gilberto, arcebispo de Ravena, foi nomeado papa, e sua coroação ocorreria em Roma na primavera seguinte.⁷ Depois de adiamentos por causa de levantes na Alemanha, Henrique IV finalmente marchou rumo à Itália, tomando Roma em 1084. Gilberto foi imediatamente coroado como papa

Clemente III na Basílica de São Pedro. Uma semana depois, o próprio Henrique foi entronizado como imperador de Roma. “Fomos ordenados pelo papa Clemente”, ele escreveu, “e consagrados imperador pelo consentimento de todos os romanos no dia sagrado da Páscoa, com a exultação de todo o povo romano.”⁸

O estabelecimento de Clemente como um papa rival, alegando ser o verdadeiro herdeiro do trono de São Pedro e apoiado por parte da alta cúpula do clero, ameaçou dividir a Igreja Romana em duas. Embora o próprio Gregório tenha se refugiado no Latrão e, por fim, fugido de Roma para Salerno, onde morreu no exílio em 1085, a incerteza e a confusão continuaram a ensombrar o papado. Levou quase um ano para que um sucessor fosse nomeado para ocupar o lugar de Gregório VII, e mesmo assim o candidato escolhido como papa, Vítor III, teve que ser instalado mais ou menos pela força. Sua morte, depois de apenas dezoito meses no cargo, levou a uma nova eleição e criou ainda mais agitação. Em março de 1088, Odo de Châtillon, cardeal-bispo de Óstia, foi nomeado papa, usando o nome Urbano II, mas não foi reconhecido nas terras sujeitas a Henrique IV no Sacro Império Romano-Germânico e no Norte da Itália. A Igreja estava em desordem.

O cisma na Igreja Ocidental mostrou poucos sinais de cura nos anos que se seguiram. Na década anterior ao Concílio de Clermont em 1095, era Clemente III — e não Urbano II — quem estava na posição mais forte. Este último, afinal de contas, teve raras oportunidades de entrar em Roma nos primeiros anos de seu pontificado: até mesmo sua eleição havia ocorrido em Terracina, bem longe da “Cidade Eterna”, que ainda era controlada com mão de ferro por forças leais ao imperador. Embora tenha conseguido entrar em Roma em 1089, celebrando com uma procissão e uma missa de coroação e proclamando uma encíclica, rapidamente retirou-se, sem se atrever a permanecer na cidade por um longo período de tempo.⁹ Quando voltou no Natal, em 1091 e 1092, foi obrigado a acampar do lado de fora das muralhas da cidade, incapaz de exercer a maioria das tarefas básicas do sumo pontífice, incluindo rezar missa na Catedral de São Pedro.¹⁰

A ideia de que Urbano poderia ser capaz de comover e inspirar cavaleiros cristãos da Europa a pegar em armas e marchar para Jerusalém teria sido risível no momento de sua eleição como papa. Embora o sumo pontífice

acompanhasse de perto os eventos na Espanha, onde conquistas vinham sendo obtidas à custa da expulsão dos muçulmanos, ele pouco tinha a fazer além de enviar entusiasmadas cartas de apoio e incentivo.¹¹ Mas, dada a complicada situação de Urbano em âmbito doméstico, a sua preocupação com o destino dos fiéis no Oriente, ainda que sincera, representava pouco peso e influência zero em um mundo no qual ele precisava fazer das tripas coração para mobilizar apoiadores mesmo em Roma, quanto mais no restante da Europa.

Em contrapartida, Clemente III consolidava de maneira implacável sua posição como o verdadeiro chefe da Igreja Católica. No final da década de 1080, ele despachou uma série de cartas para Lanfranco, arcebispo da Cantuária, convidando-o a visitar Roma, solicitando que lhe fosse enviado o dízimo e se oferecendo a intervir em disputas na Inglaterra. Também pediu ao rei e aos bispos daquele país que fornecessem ajuda à Igreja matriz.¹² Clemente se correspondeu com os sérvios, reiterando compromissos clericais e enviando uma vestimenta eclesiástica especial, um pálio, ao arcebispo de Antivari.¹³ Fez contato com o chefe da igreja em Kiev, a capital do Estado russo medieval, enviando-lhe mensagens de boa vontade.¹⁴ Estava se comportando exatamente como cabia ao papa: de maneira solícita e benevolente, procurando, aconselhando e apoiando figuras importantes do mundo cristão. Era Clemente III, e não Urbano, quem parecia talhado para proferir o tipo de discurso a produzir reação capaz de unir a Igreja em meados da década de 1090.

A vantagem de Urbano II em comparação com seu rival estava nas relações que mantinha com a Igreja Oriental — embora estas não fossem isentas de complicações. Originalmente, Roma e Constantinopla haviam sido duas das cinco sés fundamentais da cristandade, juntamente com Antioquia, Alexandria e Jerusalém. A queda das três últimas em meio às conquistas islâmicas do século VII elevou o status das duas cidades restantes ao ponto da rivalidade endêmica. Disputas sobre sua importância relativa, bem como sobre questões de doutrina e prática, se inflamaram, e devido às furiosas trocas de farpas entre o papa Nicolau I e o líder da Igreja em Constantinopla, o patriarca Fócio, as relações descambaram para seu pior patamar no século IX.

Normalmente, no entanto, o tempo aplacava as tensões, e essas discussões eram interrompidas por longos períodos de cooperação. Um manual bizantino do século X demonstra como o imperador deveria se dirigir ao

papa nas cartas enviadas desde Constantinopla. Fornecia-se uma fórmula pronta: “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, o nosso único Deus. De [nome deixado em branco] e [nome deixado em branco], imperadores dos romanos, fiéis a Deus, a [nome deixado em branco], santíssimo papa de Roma e nosso pai espiritual”. Da mesma forma, embaixadores romanos eram instruídos a usar termos respeitosos para se dirigir ao imperador.¹⁵ Esse tipo de fórmula sugere que a cooperação entre Oriente e Ocidente era a norma, não a exceção.

Em meados do século XI, no entanto, as relações entre Roma e Constantinopla chegaram ao fundo do poço. Em 1054, a missão enviada pelo papa Leão IX para explorar interesses comuns na Itália, onde Bizâncio controlava as regiões da Apúlia e da Calábria, foi um espetacular fiasco. As negociações começaram com o pé esquerdo, e a discussão de uma possível aliança descambou para um debate teológico que salientou as diferenças entre os rituais latinos e gregos na celebração da sagrada eucaristia. Como demonstram as voláteis fontes de pesquisa, era questão importantíssima decidir se o pão mais adequado para ser usado como corpo de Cristo deveria ser ázimo (sem fermento ou levedura) ou fermentado. Mais relevante, porém, foi a adição no credo da chamada cláusula *filioque* (“e do filho”) por meio da qual se alegava que o Espírito Santo emanava não apenas do Pai, mas também do Filho. Inicialmente proposta em um concílio da Igreja na Espanha no século VI, reunião que, de maneira significativa, não contou com a presença de muitos clérigos de proa, seu uso foi de início condenado até mesmo pelo papado. No entanto, a polêmica cláusula *filioque* tornou-se cada vez mais vigente em um mundo onde nem sempre era fácil regular as práticas. Até o início do século XI, a doutrina foi usada de forma tão ampla que passou a ser formalmente aceita como parte-padrão da profissão de fé. A adição da cláusula por parte de Roma foi alvo de furiosas críticas e condenações no Mediterrâneo oriental, sobretudo em Constantinopla.

Assim que a delegação da cúria romana chegou à capital bizantina, as coisas rapidamente atingiram o ponto crítico. Em 16 de julho de 1054, o núncio apostólico, cardeal Humberto de Silva Cândia, juntamente com outros enviados de Roma, entrou a passos largos na grande Basílica de Santa Sofia (Hagia Sophia) em Constantinopla no momento em que se celebrava a missa. Em uma cena de grande impacto dramático, os delegados papais se encaminharam ao santuário, sem parar para rezar. Diante do clero e da

congregação, sacaram um documento, que descaradamente depositaram sobre o altar-mor. O patriarca de Constantinopla, dizia a bula de excomunhão, abusara de suas funções eclesiásticas e era culpado de muitos erros em suas crenças e ensino. Foi imediatamente excomungado, condenado a sofrer no inferno na companhia dos piores hereges, que foram enumerados um a um. O patriarca e seus partidários foram sentenciados à danação eterna, a sofrer com “o próprio Diabo e seus anjos, a menos que demonstrem arrependimento. Amém, amém, amém”. Ato contínuo, Humberto deu meia-volta e saiu da igreja, parando na porta para sacudir a poeira de suas sandálias. Virou-se mais uma vez para a congregação e declarou em tom solene: “Que Deus veja e julgue!”.¹⁶

Esse divisor de águas representou o ponto mais baixo nas relações entre Roma e Constantinopla, até hoje conhecido como o “Grande Cisma do Oriente”. A animosidade entre Oriente e Ocidente tornou-se então praticamente institucionalizada. Em 1078, por exemplo, Gregório VII emitiu um aviso excomungando Nicéforo III Botaniates, mesmo sem que o novo imperador bizantino tivesse tido qualquer contato com Roma; três anos depois, o papa fez o mesmo com Aleixo I Comneno, depois que este depôs Nicéforo.¹⁷ Ao mesmo tempo, o papa não apenas sancionou um ataque contra Bizâncio, como despachou seu líder com um estandarte a ser levado para a batalha contra o exército imperial. Chegou a endossar Roberto Guiscardo, arquiteto do ataque, como o candidato legítimo ao trono de Constantinopla, embora o normando não tivesse direito legítimo de reivindicar o trono e tampouco uma chance realista de se instalar como imperador.¹⁸

Isso coloca em nítido relevo o apelo às armas que Urbano fez em Clermont. Como as fontes contemporâneas de final de 1095 e início de 1096 deixam claro, o papa foi meticuloso ao chamar a atenção para o sofrimento dos cristãos na Ásia Menor e a perseguição das igrejas no Oriente — isto é, as igrejas que seguiam o rito grego em vez do latino.¹⁹ O que levou a essa extraordinária reviravolta nas relações entre Roma e Constantinopla? As razões estavam na luta pelo controle da Igreja como um todo no final do século XI e, em especial, na posição fragilizada de Urbano no Ocidente.

Ao ser nomeado papa, Urbano tinha plena consciência de que estava sendo superado pelas manobras estratégicas mais hábeis de Clemente III e seu protetor Henrique IV; Urbano foi forçado a estabelecer laços

e construir pontes onde quer que fosse capaz. Uma de suas primeiras medidas foi se reconciliar com Constantinopla. Logo após sua eleição em 1088, o papa enviou uma pequena delegação à capital imperial para discutir os tópicos sensíveis que três décadas antes haviam causado desavença e celeuma. Depois de serem recebidos pelo imperador, os delegados expuseram os problemas “de maneira gentil e paternal”, de acordo com a descrição de um comentarista contemporâneo, tratando de temas como o uso grego de pão fermentado e a remoção do nome do papa dos dípticos sagrados de Constantinopla, que continham as listas dos bispos, vivos e mortos, que, julgava-se, estavam em comunhão com a Igreja.²⁰

O imperador Aleixo I Comneno era um ex-general com gostos espartanos e privilegiava um enfoque direto e pragmático de sua fé — um homem que ficava acordado até tarde da noite, na companhia da esposa, imerso no estudo das Sagradas Escrituras, de acordo com sua filha mais velha.²¹ Aleixo ouviu os embaixadores papais e ordenou a convocação de um sínodo para discutir suas queixas, entre as quais a de que as igrejas adeptas do rito latino na capital haviam sido fechadas, solicitando portanto que os ocidentais que viviam na cidade participassem da adoração. O imperador presidiu pessoalmente uma reunião com os patriarcas de Constantinopla e Antioquia, dois arcebispos e dezoito bispos, e pediu para ver os documentos relacionados à decisão de remover dos dípticos o nome do papa. Quando foi informado de que não existiam, e, ademais, de que não parecia haver base canônica para a ausência do nome do papa, ordenou que fosse reinserido, de acordo com o costume.²²

Aleixo foi além. Por intermédio dos enviados, pediu ao papa que fosse a Constantinopla para pôr fim às disputas que no passado haviam sido tão nocivas para a Igreja. Em um documento chancelado com o selo de ouro imperial, sugeriu a convocação de um concílio especial, composto de clérigos gregos e latinos de alto escalão, para discutir as principais diferenças. Por sua vez, o imperador prometeu respeitar as decisões tomadas nesse sínodo, a fim de se alcançar uma definição unificada da Igreja de Deus.²³

O patriarca de Constantinopla, Nicolau III Gramático, também escreveu ao papa, em 10 de outubro, expressando seu deleite ao saber que Urbano estaria ávido para tentar pôr um fim nas disputas eclesiásticas. O

papa estava equivocado, Nicolau escreveu com toda polidez, por pensar que o patriarca nutria animosidades pessoais em relação aos cristãos latinos. Estava enganado também por acreditar que as igrejas da capital que usavam o rito ocidental houvessem sido fechadas; de fato, os ocidentais que residiam em Constantinopla tinham autorização para adorar usando o rito latino. “Desejamos com todo o nosso coração, mais do que qualquer coisa, a unidade da Igreja”, Nicolau escreveu.²⁴

Essas iniciativas reabriram o diálogo com Roma e pavimentaram o caminho para um considerável realinhamento do Império Bizantino às vésperas da Primeira Cruzada. Um clérigo de Bizâncio, Teofilato de Ocrida, foi incumbido de elaborar um documento em que deliberadamente minimizava a relevância das diferenças entre os costumes litúrgicos gregos e latinos, de modo a abrandar as apreensões e receios no seio da Igreja Oriental. Muitas delas eram banais e insignificantes, ele escreveu. Os sacerdotes latinos observavam o jejum aos sábados, e não aos domingos; jejuavam, incorretamente, durante a Quaresma; diferentemente dos sacerdotes ortodoxos, não davam importância a adornar os dedos com anéis, e cortavam os cabelos e raspavam a barba; não se vestiam de preto para celebrar a liturgia, mas usavam vestimentas de seda coloridas; não sabiam genuflectir, ou seja, dobrar os joelhos, da maneira correta; e, ao contrário dos monges gregos, que eram vegetarianos rigorosos, os monges latinos se esbaldavam com vários tipos de carne. Todas essas questões poderiam ser facilmente resolvidas, o comentarista argumentou, bem como a questão do pão fermentado para uso na eucaristia.²⁵ A adição do *filioque* ao credo era um problema bem mais sério, ele reconhecia, e aqueles que aceitaram a cláusula arderiam nas chamas do inferno.²⁶ No entanto, ainda nutria esperanças de que a cláusula seria removida.²⁷

Esse cuidadoso reposicionamento pretendia fechar a lacuna entre Constantinopla e Roma, não apenas em questões religiosas, mas também com vistas a abrir o caminho para uma aliança política e até mesmo militar. Representou uma preparação crucial na gênese da Primeira Cruzada, e um pré-requisito para o apelo que, apenas alguns anos depois, o papa fez aos cavaleiros da Europa para que marchassem em defesa de Bizâncio.

Urbano reagiu rapidamente aos sinais positivos de Constantinopla. Viajou ao sul para se encontrar com um de seus poucos apoiadores, o conde Rogério da Sicília, com o intuito de buscar aprovação para

estreitar os vínculos com Bizâncio. Havia muito, Rogério se mostrava preocupado com a agressiva intervenção de Henrique IV na Itália. Em meados da década de 1080, alguns dos partidários do imperador alemão convocaram Henrique para que avançasse até Constantinopla e depois a Jerusalém, onde coroações gloriosas o aguardavam; ao longo do caminho, ele se imporia também sobre os normandos, assumindo o controle da Apúlia e da Calábria, esta última à custa de Rogério.²⁸ O conde deu uma resposta inequívoca quando ouviu falar sobre o convite de Aleixo para realizar uma reunião de dignitários eclesiásticos, a fim de consertar as relações: o papa deveria participar e livrar a Igreja do Grande Cisma.²⁹

Era exatamente o que Urbano queria ouvir: isso lhe daria a oportunidade de assumir o papel de unificador da Igreja. No contexto de sua luta com Clemente III, o avanço de Urbano era de grande valor — e Clemente sabia disso. Este soube das relações de seu rival com Constantinopla por meio de Basílio da Calábria, clérigo bizantino linha-dura que se tornara desafeto de Urbano por ter sido impedido de assumir sua sede episcopal no Sul da Itália. Basílio estava presente no Concílio de Melfi no outono de 1089, quando ficou claro que seria instalado na província de Régio da Calábria aquele que reconhecesse a autoridade do papa. Horrorizado ao ver dois de seus colegas fazendo exatamente isso, Basílio explodiu de fúria.³⁰ Para ele, Urbano era indigno da função de papa, assim como seu predecessor Gregório VIII, “três vezes amaldiçoado”. Basílio escreveu então ao patriarca de Constantinopla descrevendo o papa como um lobo covarde que fugia quando se deparava com as questões mais básicas sobre a doutrina cristã. Era um herege que também vendia títulos e cargos eclesiásticos a quem fizesse a oferta mais alta.³¹

As dúvidas pessoais de Basílio mascaravam o fato de que o Concílio de Melfi fora um momento significativo para a reconstrução das relações entre Roma e Constantinopla. Na verdade, o que Basílio via como a imperdoável submissão de seus colegas para assumir suas sés em Rossano e Santa Severina era provavelmente um importante exemplo da nova cooperação entre o papa e Bizâncio no Sul da Itália.³²

Basílio, no entanto, chamou para si a responsabilidade de resolver o problema. Assim que soube dos movimentos conciliatórios em Constantinopla, procurou Clemente III. O antipapa respondeu imediatamente. “Por obséquio, enviai-nos sem demora a carta de nosso irmão

sagrado, o patriarca de Constantinopla, por vós mencionada”, referindo-se às instruções que Basílio recebera sobre como se reconciliar com Roma. “Cabe também a nós responder a ele acerca da questão em pauta, objeto de tanta preocupação; ele precisa saber que tudo foi devidamente preparado por nós — pois também desejamos, e acolhemos de bom grado, a paz e a unidade.”³³ Clemente tranquilizou Basílio sobre suas próprias queixas, prometendo-lhe que logo seriam revolidas em seu favor.³⁴ Todavia, ainda que Clemente tenha tentado tomar a iniciativa do diálogo com Constantinopla, seus esforços foram de pouco efeito. Embora mostrasse interesse em construir vínculos com a Igreja grega — escreveu a João, o metropolitano (arcebispo) de Kiev, bizantino de nascimento, para ampliar a perspectiva de laços mais próximos com a Igreja grega —, suas tentativas de aproximação não deram em nada. Para Aleixo, Urbano era um aliado mais atraente do que seu homólogo apoiado pelos germânicos.³⁵

Em primeiro lugar, Urbano ainda tinha influência no Sul da Itália, região que durante séculos esteve sob controle bizantino, até que se deu um desastroso conjunto de reviravoltas nas décadas de 1050 e 1060 nas mãos dos conquistadores normandos, cujo poder se espalhava, de acordo com Ana Comnena, como gangrena — “pois a gangrena, uma vez instalada em um corpo, jamais descansa enquanto não o invadir e corrompê-lo por inteiro”.³⁶ Embora a queda de Bari para os normandos em 1071 tenha decretado o ignominioso fim do jugo imperial da Apúlia e da Calábria, as províncias ainda abrigavam uma população cujo idioma predominante era o grego e que parecia naturalmente inclinada a preferir as ordens de Constantinopla. Esse laço havia sido então reativado na esteira da reaproximação entre Roma e Constantinopla. Desde a conquista normanda, os testamentos, escrituras de vendas e outros documentos formais eram datados constando o nome do duque normando no cabeçalho. Porém, a partir do início da década de 1090, o nome de Aleixo e o ano de seu reinado começaram a aparecer com frequência crescente, claro sinal de que a população local ansiava novamente pela liderança do imperador.³⁷ A reabilitação de Bizâncio deu um passo adiante quando Urbano revogou a excomunhão de Aleixo, que havia sido decretada em 1081.³⁸

Houve ainda outros sinais de um realinhamento de interesses entre Oriente e Ocidente. No início da década de 1090, o mosteiro grego de San

Filippo di Fragalà se beneficiou de uma onda de favores. Diversas igrejas foram colocadas sob sua autoridade, e terras adicionais passaram a pertencer à sua comunidade de monges pelo conde Rogério da Sicília, que emitiu decreto asseverando que o mosteiro estava livre da interferência do clero latino, e “dos barões, os *stratēgoi* [líderes militares e políticos], os viscondes, bem como todos os demais”.³⁹ E houve exemplos de significativa cooperação em outras plagas, especificamente em assuntos militares. Enfrentando maciças invasões nos Bálcãs no início da década de 1090, Aleixo enviou apelos a toda parte para reforçar suas tropas. Emissários imperiais foram despachados para pedir ajuda a Urbano em Campânia, e, na primavera de 1091, o papa prontamente despachou homens para ajudar Aleixo a combater os pechenegues nômades da estepe da Ásia Central, que lançaram uma invasão maciça da Trácia desde o Danúbio. Seguiu-se a Batalha de Levúnio, uma das mais importantes da história do império, ocasião em que essa temível tribo nômade foi por fim aniquilada.⁴⁰

Em 1095, portanto, havia muita coisa a ser feita para curar a fratura de longa data entre Roma e Constantinopla. Embora o sínodo proposto por Aleixo alguns anos antes ainda não houvesse ocorrido, o imperador e o papa firmaram uma boa relação de trabalho. De fato, se acreditarmos em uma adição tardia a uma fonte do século XII, Urbano e Aleixo já haviam desenvolvido um plano a quatro mãos. Supostamente, no início de 1090, despacharam em conjunto emissários à corte do rei Zvonimiro da Croácia, para pedir que seus cavaleiros prestassem assistência à Igreja sitiada em Bizâncio e aliviassem a opressão muçulmana em Jerusalém. Se isso for verdade, tratou-se de um teste para o apelo feito pelo papa em Clermont: um pedido de ajuda da Velha e da Nova Roma; a atração exercida por Jerusalém e o serviço militar como ato de devoção. No caso de Zvonimiro, no entanto, não surtiu o efeito desejado: de acordo com a interpolação, os cavaleiros do rei croata ficaram tão chocados com o fato de Zvonimiro estar disposto a lutar a guerra de terceiros, que o assassinaram (embora outras fontes afirmem que o rei teve uma morte pacífica, na velhice).⁴¹

Ao buscar a reconciliação com Constantinopla, Urbano se posicionou de caso pensado como líder do mundo cristão, que havia sido devastado por anos de intensa competição, lutas acirradas, discórdia e conflitos. Nas palavras de um cronista da época, no final do século XI, a Igreja estava em

estado de caos. “Em todas as partes da Europa”, Fulquério de Châtres escreveu, “a paz, a virtude e a fé foram brutalmente esmagadas por homens fortes e homens inferiores, dentro e fora da Igreja. Era necessário pôr fim a todos esses males.”⁴² No entanto, Urbano precisava de uma estratégia mais ampla para se estabelecer no coração da cristandade. O avanço obtido em suas relações com a Igreja grega não era suficiente para gerar qualquer significado mais amplo no que dizia respeito à rivalidade com Clemente III em Roma, muito menos para fortalecer sua posição em outras partes da Europa.

Em meados da década de 1090, no entanto, a situação começou a mudar. Primeiro, eventos súbitos e inesperados na Alemanha ofereceram uma extraordinária oportunidade para atacar o antipapa e seu principal apoiador, o imperador Henrique IV. Urbano ganhou fôlego por causa da deserção de figuras importantes do lado de Henrique, frustradas pela crueldade do imperador. Uma delas, a bela e jovem esposa de Henrique, que procurou o papa para reclamar que havia sido forçada a cometer tantos “atos bizarros e imundos de fornicação, com tantos homens, que até mesmo seus inimigos perdoariam sua debandada [do imperador]. O tratamento a ela dispensado há de compadecer todos os católicos”.⁴³ Em um clima pesado, no qual os apoiadores do papa estavam desesperados para tirar proveito de qualquer coisa que pudesse ser usada para difamar o imperador, os polemistas alegremente faziam circular sórdidas fofocas.⁴⁴ Fato ainda mais importante se deu com Conrado, filho e herdeiro de Henrique IV, um jovem sério que decidiu abandonar o pai; exausto das brigas sem fim dentro da Igreja e inquieto quanto a suas perspectivas por causa de contratempos militares sofridos pelo pai no Norte da Itália, Conrado juntou forças com seus vassalos e ofereceu apoio a Urbano.

Esses acontecimentos deram ao papa um impulso imediato e enfático. Urbano anunciou que realizaria em março de 1095 um concílio em Placência, no coração do território outrora leal a Henrique IV e do arcebispado original de Clemente, Ravena. A esposa de Henrique compareceu para condenar o marido, e o antipapa foi ferozmente denunciado, antes que uma anistia fosse oferecida a todo o clero que antes havia cerrado fileiras com o imperador. Imediatamente após o concílio, Conrado se reuniu com Urbano em Cremona, onde, para saudar o papa, representou o papel de um cavaliço, segurando as rédeas do cavalo do pontífice, em uma marca ritual

de deferência e humildade públicas.⁴⁵ Em uma segunda reunião, alguns dias depois, Conrado jurou proteger o papa, seu cargo e sua propriedade. Em troca, Urbano prometeu reconhecer a reivindicação de Conrado ao trono imperial.⁴⁶ E também propôs casar seu novo aliado com a filha do conde Rogério da Sicília, o principal apoiador de Urbano na Itália. O papa escreveu ao conde argumentando que esse casamento incrementaria a honra de Rogério e seus futuros lucros. O casamento foi devidamente celebrado em uma faustosa cerimônia em Pisa, e Conrado recebeu uma enxurrada de luxuosos presentes de seu abastado sogro.⁴⁷ Isso resultou em uma forte melhora na posição de Urbano, alçando-o de uma figura outrora isolada, que se via forçada a acampar fora das muralhas de Roma, a peça de importância central no xadrez da política europeia.

Entretanto, em Placência algo mais aconteceu, que mudaria para sempre a posição do papado. Enquanto os prelados se reuniam no concílio para discutir assuntos eclesiásticos — definições de heresia, a excomunhão do rei da França com base em acusações de adultério, questões relativas ao sacerdócio —, emissários chegaram de Constantinopla.⁴⁸ A delegação trazia consigo notícias terríveis: o Império Bizantino estava à beira do colapso e precisava de ajuda urgente. Urbano entendeu imediatamente as implicações. Lá estava a chance de unir a Igreja de uma vez por todas. Anunciou que partiria para o norte — para Clermont.

Historiadores da Cruzada — medievais e modernos — acompanharam Urbano até lá. Mas quais desastres haviam ocorrido no Oriente? Por que a necessidade tão desesperada de ajuda? O que tinha dado errado em Bizâncio? Para entender as origens da Cruzada, não é para o sopé da região central da França que devemos nos voltar, mas para a cidade imperial de Constantinopla.